

O MITO, A PÁTRIA AMADA E O INIMIGO: LAMPEJOS FASCISTAS NO DISCURSO ELEITORAL DE 2018¹

*THE MYTH, THE BELOVED COUNTRY AND THE ENEMY: FLASHES OF FASCISM IN
THE 2018 ELECTION CAMPAIGN DISCOURSE*

Cristiano Sandim Paschoal²

RESUMO: Considerando o recrudescimento de valores intolerantes no espectro sociopolítico do Brasil contemporâneo, o presente artigo tem como objetivo investigar o modo pelo qual a axiologia fascista do inimigo da pátria foi mobilizada pelo discurso da atual extrema direita brasileira nas eleições de 2018. Ancorando-se nos pressupostos teórico-metodológicos bakhtinianos, foram mobilizadas as noções de dialogismo, ideologia e enunciado concreto, tendo como objeto de escrutínio o último programa eleitoral projetado discursivamente pelo candidato representante da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro. Visto que o enunciado, sob a ótica dialógico-discursiva, possui como inerência um magnetismo axiológico, durante o movimento analítico, observou-se que o projeto enunciativo do candidato atraiu para sua semântica os valores fascistas de heroísmo e passado mítico nacional, de modo a construir uma noção axiológica envergada de inimigo nacional.

Palavras-chave: Valores fascistas; propaganda eleitoral de 2018; inimigo nacional; enunciado concreto; Teoria bakhtiniana.

ABSTRACT: Considering the resurgence of intolerant values within the sociopolitical spectrum in contemporary Brazil, this paper aims to investigate the fascist axiology of the country's enemy mobilized by the discourse of the current Brazilian extreme right during the 2018 election campaign. Based on Bakhtinian theoretical-methodological assumptions, the analysis concerns the notions of dialogism, ideology and concrete enunciation. The object of study is the last electoral program projected discursively by the candidate representing the extreme right wing, Jair Messias Bolsonaro. Since enunciation, from a dialogic-discursive perspective, has an inherent axiological magnetism, the analytical movement showed that the candidate's enunciative project comprised fascist values of heroism and national mythical past into his semantics, in order to build an axiological notion imbued with the national enemy.

Keywords: Fascist values; 2018 election campaign; national enemy; concrete enunciation; Bakhtinian theory.

¹ Este artigo consiste em um recorte teórico-metodológico de parte da dissertação de mestrado do autor, defendida em março de 2021, no Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti.

² Doutorando na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, na área de concentração Linguística/Teoria e Usos da Linguagem, atuando como bolsista vinculado ao CNPq. Membro do Grupo de pesquisa Tessitura: Vozes em (Dis)curso - CNPq/PUCRS.

1 Considerações iniciais

O dia de hoje não pode mentir. Quanto mais nele há de ferro e de sangue, mais esses dias de hoje se fixam, nos séculos, pelo peso esmagador da história.

(BAKHTIN, 2019, p. 42)

Ainda que diametralmente em lados opostos no espectro político, o antagonismo entre a direita e da esquerda nacional, após o período de redemocratização, configurou-se de forma civilizada. Todavia, na conjuntura pós-eleições presidenciais de 2014, pôde-se observar, no horizonte discursivo brasileiro, um ressurgimento de vozes sociopolíticas conservadoras vilipendiando “todas as evidências do que chamamos de avanços dos últimos 13 anos [...] e anulando-as como desperdício de tempo, como apostas infundadas, como produtos da corrupção, como perigosos precedentes ou como figuras do mal” (BURITY, 2018, p. 21).

Mesmo imersa nesse invólucro de crises que envolviam e maculavam sua sigla partidária, Dilma Rousseff, em 2014, ganha a reeleição no segundo turno, o qual disputou com seu adversário político Aécio Neves (PSDB), que, por sua vez, no ano seguinte, torna-se um dos mentores do processo de *impeachment* da presidenta. Apesar de não ser o nosso mote problematizar, em seus pormenores, as múltiplas vicissitudes interpretativas que dos impedimentos de Rousseff emergiram (e continuam a emergir), faz-se necessário salientar que a sua destituição se deu, a princípio, por um suposto crime de responsabilidade fiscal. Entretanto, devido à plasticidade semântica da linguagem jurídica, assistem-se a diversos atores das esferas política e jurídica questionarem a legitimidade constitucional de tal processo.

Nesse contexto tenso e de desequilíbrio político-institucional, o antagonismo espectral entre a direita e a esquerda - que outrora fora encabeçado por FHC e Lula e, embora muitas vezes acalorado, limitava-se às arestas da civilidade -, adquire uma polarização selvagem, semelhante à que ocorrera na Itália e na Alemanha do início do século XX³. Esse decantar fascista incipiente em 2015 ocorre, sob a nossa perspectiva, devido à entrada de Jair Messias Bolsonaro nessa arena de embate político nacional.

Ainda que desde sua gênese política tenha apresentado inclinação a posicionamentos conservadores, tendo como sigla partidária inicial o Partido Democrático Cristão (PDC) - de valores fundamentalistas -, a figura pública de Jair Bolsonaro começa a ganhar notoriedade e expressividade no horizonte social brasileiro no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Durante a sessão de votação na Câmara dos Deputados para o desligamento da presidenta de suas atividades executivas, Bolsonaro arquiteta um projeto enunciativo que, a nosso ver, traça mudanças significativas em seu percurso político e, também, no configurar do imagético da política conservadora nacional, podendo simbolizar um emergir da extrema direita nacional:

³ Indicamos como leitura complementar para esse aspecto conjuntural presenciado no fascismo europeu as obras *A Itália de Mussolini e A origem do fascismo*, de Renzo De Felice e Emilio Gentilia; bem como *As origens do Fascismo*, de Robert Paris. Esse ato de indicação diz respeito à consideração pelo nosso leitor presumido que, como (co)construtor dos sentidos por nós mobilizados, pode alargar seu horizonte sociológico para além das linhas teóricas neste artigo lapidadas.

Perderam em 1964. Perderam agora em 2016 [...]. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é sim! (FALCÃO, 2016, [s/p]).

Assim, se outrora o antagonismo entre direita e esquerda no horizonte brasileiro ocorria sob os limites civilizatórios de uma incipiente democracia, a partir do projeto de dizer de Bolsonaro, impulsiona-se, na conjuntura sociopolítica, não apenas um oposicionismo que é natural em democracias, mas também um antipetismo com “ares de oposição fascista”. Isso se observa pelo fato de que, ao recordar Ustra - torturador de Dilma Rousseff durante a Ditadura Militar -, Jair Bolsonaro opera, discursivamente, no mínimo três sentidos que indiciam um novo rumo à semiose político-nacional: o primeiro diz respeito ao flerte com a ditadura e os sujeitos que a operacionalizaram, demonstrando uma adesão política ao processo histórico nefasto; o segundo se refere à fissura que o então deputado abre nos limites discursivos da liberdade de expressão democrática; e o terceiro, dialeticamente relacionado aos anteriores, é o vislumbre de uma sociedade que caminha para uma organização sob os moldes fascistas, uma vez que, mesmo que seu projeto de dizer tenha sido inconstitucional, o ator sociopolítico não sofreu nenhuma reprimenda jurídica ao homenagear um torturador, algo que legitima o seu enunciar pelas lentes da esfera judiciária.

Considerando o breve cenário apresentado, cujos aspectos podem desvelar forças antidemocráticas de modo a configurar um fascismo à brasileira, o presente artigo tem como objetivo investigar o modo pelo qual a axiologia fascista do inimigo da pátria foi mobilizada pelo discurso da atual extrema direita brasileira nas eleições de 2018. Quanto à metodologia utilizada neste artigo, ao convocarmos os pressupostos dialógicos da teoria bakhtiniana, esculpimos sua feitura a partir de dois eixos que envolvem a escolha do objeto e o movimento analítico.

No que diz respeito à escolha do objeto analítico, foi selecionada a décima primeira (última) propaganda eleitoral do candidato Jair Messias Bolsonaro, circunscrita no segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Transmitida na mídia aberta no dia 26/10/2018, pode-se observar que, dentre o conjunto de programas eleitorais projetados pela extrema direita, a última propaganda apresenta um epicentro semântico-valorativo sobrecarregado ideologicamente pela ideia de um inimigo nacional. Esse fenômeno ocorre pelo fato de a orgânica eleitoral bolsonarista ter sido conduzida por diversas estratégias⁴ que contribuíram para macular a imagem de seu principal adversário político, o Partido dos Trabalhadores (PT).

No que tange ao movimento analítico, ainda que o arcabouço bakhtiniano apresente certa plasticidade frente à mobilização de seus empreendimentos teóricos, Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, indica algumas diretrizes metodológicas que, em termos gerais, podem fornecer um caminho analítico ordenado para o perscrutar de um projeto enunciativo. Segundo o autor, para o procedimento analítico da enunciação, que, sob sua perspectiva, envolve processo e produto, torna-se salutar a observação das:

⁴ Dentre os diversos estratégias que orbitaram o cenário eleitoral, destacamos: o esquema que envolvia a proliferação de *fake news* em distintas plataformas digitais, os escândalos envolvendo uma produtora de vídeo inexistente chamada de *Mosqueteiros Filmes Ltda*, a produção de um *game* fictício para PCs no qual o personagem central precisa agredir seus oponentes (mulheres, negros e *gays*) e, ademais, o envolvimento supereminente de parcelas significativas das esferas judiciária, religiosa e empresarial (coação de funcionários a votarem em Jair Messias Bolsonaro pela empresa *Havan*).

1) Formas e tipos de interação em sua relação com as condições concretas; 2) Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação na qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva e na criação ideológica; 3) Partindo disso, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220).

Tendo em vista tais diretrizes, o movimento analítico deste artigo será lapidado, sinteticamente, a partir de dois comenos. Em um primeiro momento, fazer-se-á um breve desenvolvimento sobre os aspectos sócio-históricos que acompanham o surgimento do projeto de dizer, ou seja, a sua situação extraverbal que, como adverte Volóchinov (2019, p. 120, grifos do autor), “não age sobre ele a partir do exterior, como uma força mecânica. Não, *a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica*”. Posteriormente, nos lançaremos à análise composicional do projeto enunciativo, integrando, ainda que brevemente, um olhar para o gênero discursivo ao qual se vincula e, na sequência, pormenorizar-se-á a maneira como o locutor mobilizou as formas da língua (verbal), entremeadas com as dimensões extraverbal e não verbal.

Dadas as proposições investigativas supracitadas, o presente artigo será planeado a partir de três eixos argumentativos. No primeiro, convocando olhares teóricos que concebem acontecimentos históricos como fenômenos não estáticos, serão desenvolvidas breves reflexões acerca da construção do inimigo nacional orquestrada pelo fascismo europeu. No segundo, será abordada a visão bakhtiniana de enunciado concreto, cuja inerência dialógico-ideológica dá-lhe magnetismo discursivo capaz de atrair certas axiologias e, ao mesmo tempo, repelir tantas outras. No terceiro eixo, analisa-se o projeto enunciativo selecionado, seguido das considerações finais.

2 Prolegômenos ideológicos para a ascensão do fascismo europeu: um passado mítico, um herói e um inimigo

Na esteira investigativa das Ciências Sociais e Humanas, coexistem, segundo Konder (1977) dois olhares principais lançados ao fascismo. Por um lado, há as lentes interpretativas que o consideram como sendo um fato histórico, situado estaticamente na conjuntura europeia e, conseqüentemente, incapaz de ressurgir. No outro prisma contemplativo, situam-se, conforme o autor, as lentes sociológicas e filosófico-marxistas que, por conceberem os eventos históricos como fenômenos, consideram o ressurgimento de movimentos fascistas, reconfigurados, evidentemente, a partir de ambientações sociais reformuladas.

Situando-se nessa segunda vertente contemplativa, Poulantzas (1978), em sua obra *Fascismo e ditadura*, atenta para o fato de que a anatomia do fascismo, enquanto movimento processual circunstanciado e possível de reaparecer em sociedades que se encontram sob a égide do capitalismo, apresenta-se em dois momentos, dialeticamente, relacionados: o período da fascistização (antes de o líder chegar ao poder) e o período de sua instauração (quando o líder chega ao poder). Levando em consideração que neste estudo o nosso objeto analítico se situa do período que antecede a chegada ao poder (período eleitoral), concentraremos nosso olhar nos sentidos mobilizados pelo fascismo europeu nessa conjuntura circunstancial de fascistização, na qual os valores de heroísmo, nação gloriosa e inimigo nacional tornam-se protagonistas.

Nesse sentido, o ideário fascista da mitificação, nomeado por Jason Stanley (2018) como *Passado mítico*, diz respeito ao apego conservador dos movimentos fascistas a um passado supostamente honroso que uma nação carrega em seu patrimônio sócio-histórico. Trata-se dos princípios tradicionais nacionalistas que, possivelmente, estão sendo ou foram desconstruídos. Dessa forma, por meio de uma roupagem falaciosa ultranacionalista, projetam-se estratégias discursivas a fim de “aproveitar a emoção da nostalgia para princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo, hierarquia, pureza e luta” (STANLEY, 2018, p. 21).

Consequentemente, edifica-se um passado de glória, no qual a nação se caracterizava por um determinado tipo de pureza, seja cultural, religiosa, racial, classicista, familiar, política ou todas essas dimensões reunidas. Logo,

em todos os passados míticos fascistas, uma versão extrema da família patriarcal reina soberana [...] com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exércitos repletos de guerreiros leais, seus compatriotas, fisicamente aptos e cujas esposas ficavam em casa cuidando da próxima geração. No presente, esses mitos se tornam a base da identidade da nação submetida à política fascista. (STANLEY, 2018, p. 18).

Em prol deste nacionalismo exacerbado, cujo intento principal se mostra como sendo o ressurgimento dos princípios de uma “nação gloriosa”, o fascismo compreende que os interesses dos indivíduos devem estar subordinados aos interesses estatais. Por diversos momentos, durante o regime de Hitler, por exemplo, a sociedade conformou-se ao escopo do enunciado *Deutschland über alles!* (Alemanha acima de tudo!), ou seja, o Estado deve ser a prioridade para que sua simbologia, ordenada e intocável, possa ressurgir. No que tange à gênese da ideologia do passado mítico, pode-se afirmar que Mussolini foi seu precursor em termos de vestes fascistas. Para fins elucidativos, observemos, a seguir, o trecho de um discurso construído pelo ditador, em 1920, intitulado *I compiti e i fini del Fascismo* (Os tratados e os fins do Fascismo), no qual o ator político busca resgatar para o imaginário da sociedade italiana o Império Romano, predizendo, através da retórica, que os princípios ideológicos fascistas o reconstruirão:

Roma é o nome que preenche toda a história por vinte séculos. Roma dá o sinal da civilização universal; Roma que traça as estradas, assinala os confins e que dá ao mundo as leis eternas imutáveis de seu direito. Mas se isto foi competência universal de Roma na antiguidade, eis que devemos absorver ainda uma outra tarefa universal. (MUSSOLINI, 1921, p. 109, tradução nossa)⁵.

Para a reconstrução do passado glorioso, que supostamente trará de volta ao povo um *ethos* honroso, o fascismo cria, consequentemente, outro mito, incorporando à mitificação nacional vetusta um princípio ideológico indispensável para a sua sustentação: o *culto ao líder*. Todo fascismo surge em períodos marcados e propagados midiaticamente como “impérios em declínio” e, por isso, “a população é facilmente levada a um sentimento de humilhação

⁵ No original: “Roma è il nome che riempie tutta la storia per venti secoli. Roma dà il segnale della civiltà universale: Roma che traccia strade, segna confini e che dà al mondo le leggi eterne dell’immutabile suo diritto. Ma se questo è stato il compito universale”.

nacional” (STANLEY, 2018, p. 94). Por diversos momentos da historiografia de Mussolini e Hitler, os horizontes discursivos europeus conduziram-lhes à categoria de “salvadores da pátria”, sendo louvados como figuras centrais capazes de reconstruir a honra e a identidade nacional.

Em decorrência dessa capacidade de ação esperada, tem-se um regime político no qual o Estado é personificado em um líder “corajoso”, capaz de controlar e reajustar todos os âmbitos da sociedade. Não foi à toa que tanto Mussolini quanto Hitler iniciaram suas carreiras na esfera militar. Assim, traziam, junto aos seus imagéticos, aspectos semânticos como coragem, força e liderança, trajando vestes que se alinhavam à preconização da uniformidade mítica nacional. Por conseguinte, suas orgânicas regimentais nazifascistas se identificavam com “a hierarquia militar, sendo o líder do partido uma espécie de comandante supremo ou general. Evidentemente que tal concepção – similar à organização de um quartel – implicava a obediência total dos subordinados” (SCHILLING, 2019, p. 61).

Atrelando-se à ideia de herói, conforme atesta Hannah Arendt (1989), em sua obra intitulada *As origens do Totalitarismo*, os governos de cunho totalitário, para alcançarem e se manterem no poder, criam inimigos de dimensão externa e interna. Para o fascismo italiano, por exemplo, o seu inimigo externo eram as potências europeias superdesenvolvidas, que impediam, sob o olhar de Benito Mussolini, o crescimento econômico da Itália. Ao chegar ao poder, o ditador, pressurosamente, instaura um sistema corporativista, asfixiando as relações externas italianas e exigindo o crescimento no e pelo Estado.

Contudo, o que sublinha o eixo ideológico central do fascismo em ascensão é a criação do seu inimigo interno, que, ao seu olhar, constitui-se como sendo também inimigo de toda a nação. Trata-se de um inimigo, anatomicamente, composto por três flancos entrecruzados, passando a formar um arquétipo daquilo que, para os totalitários e autoritários, desconstrói o passado glorioso nacional, apresentando-lhes perigo. Nessa tríade inimiga, compreendem-se as dimensões política, intelectual e racial, entremeadas socioculturalmente.

Pelo fato de não apoiarem a guerra e tampouco discutirem as perdas italianas no pós-Primeira Guerra Mundial, sem dúvida, os inimigos políticos principais criados pelo fascismo foram o Socialismo e o Comunismo. Como de forma conspícua afirmou o Duce, “declaro que não cessarei a guerra contra o partido que ficou durante a guerra como um instrumento do Kaiser, refiro-me ao partido socialista oficial”⁶ (MUSSOLINI, 1921, p. 180, tradução nossa). Não obstante, os inimigos socialistas e comunistas da visão fascista europeia não foram demonizados apenas por questões político-econômicas, mas, sobretudo, porque seus ideais admitiam diferentes configurações da subjetividade humana, ou seja, as causas das minorias sociais se encontravam contempladas em seus projetos de sociedade. Desse modo, sob a ótica esquerdista, a sociedade funciona enquanto um espaço de contradições, algo do qual o fascismo rechaçava, uma vez que, ao seu olhar, “a cultura é suspeita na medida em é identificada com atitudes críticas” (ECO, 2018, p. 48).

Tendo em vista os valores fascistas, sinteticamente, apresentados, salientamos a observação de Poulantzas (1978, p. 10) que, ao perscrutar a fisiologia fascista, adverte-nos: “o ressurgimento, pois, do fascismo continua possível, sobretudo hoje - mesmo que, provavelmente não se revista agora exatamente das mesmas formas de que se revestiu no passado”. Em conformidade com esse olhar fenomenológico para a historicidade, conforme Bakhtin (2017a, p. 79, grifo do autor):

⁶ No original: “dichiaro che non cesserò la guerra contro il partito che è stato durante la guerra uno strumento del Kaiser, parlo del partito socialista ufficiale”.

Mesmo os sentidos **do passado**, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas) [...]. Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.

Logo, tendo como alicerce essas premissas relacionais, partimos da hipótese de que os valores fascistas supracitados estiveram em *festa de renovação* durante o período eleitoral - de modo a fomentar a ideia de um Brasil com um passado glorioso, de um inimigo que o destruiu e de um herói capaz de fazê-lo ressurgir. Com vistas a averiguar esse “festejo”, abordaremos, na subsequência, a natureza do enunciado concreto, de modo a sustentar a nossa análise dialógico-discursiva.

3 O enunciado concreto e seu magnetismo axiológico: o passado e o presente em diálogo ininterrupto

Dentre as investigações que se situam no escopo das teorias enunciativo-discursivas, os empreendimentos bakhtinianos possuem caráter precursor, haja vista que, na época de seu emergir, presenciava-se um protagonismo de olhares formalistas lançados à linguagem. Na contracorrente dessas investidas, a teoria bakhtiniana⁷, desde seus gestos teóricos fundantes, concedeu à linguagem um caráter sociológico, cuja observação deve se centralizar em seu uso e em sua materialidade, o enunciado concreto, um produto e processo da interação social. Sendo assim, para que se possa observar enunciados a partir de lentes bakhtinianas, faz-se imperativo considerar a sua natureza social, na qual as rubricas do *dialogismo* e da *ideologia* ganham tônica máxima para se pensar na dialética entre sujeito e linguagem, relação que, nas linhas subsequentes, faremos formulações substanciais⁸.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, obra germinal bakhtiniana que apresenta uma densa e complexa reflexão filosófica, Bakhtin (2010), ao propor uma fusão entre o mundo teórico e o mundo da vida, tece proposições primordiais para o entendimento de sua concepção inter-relacional entre sujeito e linguagem. Ao discutir a relação imbricada entre o *eu* e o *outro*, o filósofo russo, considerando a singularidade e a eventicidade do ser, indicia que as inter-relações humanas são orquestradas a partir da alteridade constitutiva, configurada pela unicidade do ser e pelos movimentos perspectivos do “eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro”. Nessa dinâmica inter-relacional, Bakhtin, ainda nessa obra, propõe, em termos gerais, uma filosofia que contempla a vida, segundo a qual, compõem-se por imensuráveis atos éticos nos quais os sujeitos (sempre em relação constitutiva) agem responsabilmente. Logo, a relação entre os sujeitos, mediada pela linguagem, ganha uma tonicidade ativa, pois, pelo discurso “eu ajo com

⁷ As expressões “teoria bakhtiniana” e “Círculo de Bakhtin” foram dadas pelos investigadores que se projetaram a investigar o conjunto das obras desse arcabouço teórico, remetendo-as ao nome de Mikhail Bakhtin (1895-1975) pelo fato de esse ser o membro do grupo de intelectual que mais viveu e, portanto, teve maior tempo para a proficuidade intelectual. Entretanto, ao usarmos essas expressões, estamos considerando as produções de Valentin Volóchinov (1895-1936) e Pavel Medviédov (1891-1938), cujas produções envergam o pensamento de Bakhtin e se apresentam em conformidade epistemológica.

⁸ Dada a complexidade com que as noções de *dialogismo* e *ideologia* se apresentam no arcabouço bakhtiniano, sublinhamos que o seu alcance teórico atinge graus exponenciais que vão muito além das reflexões empreendidas neste artigo.

toda minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (BAKHTIN, 2010, p. 44).

Essa concepção de ato, circunscrita em um invólucro relacional entre os sujeitos, perpassará pelo conjunto das obras do Círculo de Bakhtin, incidindo, sobretudo, na natureza do enunciado concreto que, enquanto ato, não pode ser considerado “separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam” (BAKHTIN, 2017a, p. 44). Nessa perspectiva, enunciar significa agir em relação ao outro e ao mundo que os enforma, tornando, desse modo, o objeto de dizer um complexo atmosférico no qual coabitam materialidades humanas que representam centros de valores sócio-históricos da vida concreta. Por conseguinte, o enunciado possui inerência dialógica, uma vez que, o sujeito, ao enunciar, conjura, por distintos matizes, axiologias já mobilizadas por outrem que, agora, em seu ato singular, recebe uma tonalidade singular, ainda que coabitada por vozes outras.

Nessa direção, todo enunciado possui um magnetismo axiológico, uma capacidade de estabelecer relações semânticas com outros dizeres e, nesse fluxo valorativo, são postos em curso discursivo valores que ora se aproximam, ora se rechaçam. Em suma:

O enunciado, sendo um elo na cadeia da comunicação discursiva, estabelece complexas interações com outros enunciados, próximos e distantes, observáveis e não observáveis. Por conseguinte, o enunciado é atravessado por diferentes pontos de vista, que se cruzam e se interseccionam [...] cujos efeitos de sentido são de responsabilidade de um sujeito dialógico singular. (DI FANTI, 2012, p. 322).

Por conferir aos sujeitos e aos sentidos por eles mobilizados uma dimensão social, o enunciado concreto, na perspectiva bakhtiniana, para além de dialógico, possuirá inerência ideológica, insígnia que receberá cavidade com proeminência marxista. Comungando-se aos flancos antropológicos, fenomenológicos e sociológicos lançados por Bakhtin ao sujeito, Volóchinov, em *O freudismo*, traça um diálogo polêmico com perspectivas subjetivistas do sujeito, rechaçando epistemologicamente a visão freudiana sobre os aspectos que circundam a formação da consciência (e do inconsciente). Conforme o pensador russo, considerar o sujeito apenas sob a ótica psicofisiológica resulta em alijá-lo de sua essência real que se constitui na alteridade, tornando-o a-histórico e descompromissado com sua materialidade cultural na e pela vida. Em contrapartida, Volóchinov propõe uma sociogênese do ser, na qual “para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário como um segundo nascimento, um nascimento *social*” (BAKHTIN, 2017b, p. 11, *grifo do autor*)⁹.

Alicerçado em uma visão socioideológica do sujeito, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov propõe um método sociológico marxista para os estudos da linguagem, observando que os estudos da ideologia iniciados por Marx e Engels necessitam de um refinamento para o entendimento das estruturas ideológicas, estando a sua fertilidade em uma filosofia do signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 102). Nesse movimento, o autor diz ser a palavra,

⁹ Pelo fato de a edição de *O freudismo*, disponibilizada no Brasil, ter conferido a Bakhtin sua autoria, mantivemos essa referência para fins de citação no corpo do artigo. No entanto, ao nos referirmos à obra como um todo, deferimos a autoria a Volóchinov. Isso se dá pelo fato de, na tradução atual feita por Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo do artigo produzido por Volóchinov em 1925, *O outro lado do social: sobre o freudismo*, há indiciado que a obra *O freudismo* seria de sua autoria, funcionando como um desmembramento ampliado do artigo referido.

ornamentada sob enunciado concreto, um signo ideológico por excelência que reflete e refrata o mundo concreto, uma vez que,

na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou uma mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181, grifo do autor).

Além das inerências dialógica e ideológica do enunciado concreto, antes de adentrarmos na investigação do objeto analítico por este artigo contemplado, faz-se necessário tecermos, brevemente, a maneira pela qual ocorre a configuração material de um projeto enunciativo. Tendo em vista a simultaneidade do lapidar (produto e processo) na configuração dos enunciados, Bakhtin (2016, p. 12), em sua obra *Os gêneros do discurso*, afirma serem os gêneros “tipos relativamente estáveis de enunciados”, lançando-se o autor, a partir dessa afirmativa, à investigação daquilo que as lentes sociológicas compreendem como próprio à natureza do enunciado. Nesse sentido, reclamando um olhar dialético para a configuração do enunciado, o autor atenta para o fato de a análise do enunciado suscitar a observação da sua manifestação linguístico-discursiva a partir de dois eixos: a sua forma composicional e a sua arquitetônica enunciativa.

Diferentemente da oração que, “enquanto unidade da língua tem uma entonação gramatical específica e não uma entonação expressiva” (BAKHTIN, 2016, p. 56), o enunciado exige uma atitude responsiva de quem o projeta (o locutor). Sendo assim, a perspectiva bakhtiniana contempla o enunciado considerando a sua dimensão discursiva, que ultrapassa os limites do oracional. Logo, no que diz respeito a sua **forma composicional**, todos os elementos que a compõem serão concebidos a partir de um prisma sociológico, relacionado com a vida e sua atmosfera social. Tendo isso em vista, conforme Bakhtin (2016), a forma composicional de um enunciado possui como cerne ornamental três elementos centrais que, comungados, vinculam-se a um gênero discursivo: o **estilo**, o **conteúdo temático** e a **construção composicional**.

No que diz respeito ao **estilo**, pode-se dizer que, de maneira geral, corresponde ao modo pelo qual o locutor mobiliza os recursos linguísticos disponíveis a ele, tendo como mirada a sua relação com o interlocutor (ainda que presumido) e a esfera e o gênero nos quais o seu projeto de dizer encontra-se situado. Desse modo, enunciar é enunciar-se, uma vez que a maneira como o locutor estiliza o seu discurso revela a sua natureza sociológica, o modo pelo qual concebe o seu interlocutor, de que ponto de vista conduz o objeto de dizer, como ideologiza o mundo, etc. Assim, a estilística sociológica bakhtiniana nos aponta para o fato de que a palavra-enunciado possui expressividade (tom emotivo-volitivo); porém, essa expressão “não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto de contato da palavra com a realidade e nas condições de uma situação real” (BAKHTIN, 2016, p. 54).

No entanto, por estabelecer relação estreita com o contexto extraverbal, a entonação, em enunciados verbais e verbo-visuais, torna-se salutar para compreendermos o seu todo semântico. Na obra *A palavra na vida e a palavra na poesia*, Volóchinov (2019) imbrica, na dimensão entonacional do enunciado, o aspecto gesto-visual do locutor. Segundo ele, todos os aspectos estético-sociológicos que permeiam a interação viva do enunciado inflamam-no axiologicamente. Logo, o comportamento gestual locutor, as suas vestes, o seu contorno estético-performático, entre outros aspectos, fazem parte do embrionário semântico de um

projeto enunciativo, haja vista que:

Eles expressam não apenas o estado emocional ou passivo do falante, mas sempre contêm uma relação viva e enérgica com o mundo exterior e o meio social: os inimigos, amigos e aliados. Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 127).

Atrelados ao estilo, estão o **conteúdo temático** que, sinteticamente, diz respeito ao domínio de sentido que o enunciado aborda e o aspecto semântico-objetal que o compõem; e a **construção composicional**, que consiste no modo pelo qual estilo e conteúdo foram operacionalizados na estruturação do dizer. Todos esses elementos, relacionados e constituídos pela atmosfera social que os engendra, formam a **arquitetônica enunciativa**. Trata-se do todo (não o tudo) semântico do enunciado concreto que, em sua materialização, coloca em interação todos os aspectos supracitados: relação entre locutor e interlocutor, o gênero e seus elementos constitutivos, a estilística presente na mobilização dos recursos linguísticos, etc.

Sendo assim, a observação/análise de um enunciado, enquanto projeto de dizer, sob a ótica bakhtiniana, reclama, por parte do analista, questionamentos que contemplam a sua tridimensionalidade enunciativo-discursiva, ou seja, aspectos que compõem as dimensões verbal, extraverbal e não verbal. Conforme mencionado nas palavras preambulares deste artigo, Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, nos indicia preceitos metodológicos para a apreciação de um projeto enunciativo.

Considerando tais diretrizes e o que nesta seção foi desenvolvido, em nossa análise posterior circundará os seguintes questionamentos, de modo a contemplar a arquitetura da propaganda eleitoral selecionada de Jair Messias Bolsonaro:

Quadro 1 – Arquitetônica enunciativa

Questionamento	Elemento envolvido
Quem diz?	LOCUTOR
A quem diz?	INTERLOCUTOR/AUDITÓRIO
Como faz para dizer?	Construção do enunciado/Gramática e Estilística
Quando e Onde diz?	Cronotopo
Qual a relação do que se disse com a situação extraverbal que o engendra?	Contexto de Produção/Esfera de atividade/Gênero discursivo

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Pelo fato de se materializar como “um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 183), compreendemos que os questionamentos convocados no quadro precedente servirão como epicentro norteador para a análise a ser desenvolvida na subseqüência.

4 Os lampejos fascistas nas eleições de 2018: o mito, a pátria amada e o inimigo nacional

Para que se possa analisar o enunciado da presente investigação, faz-se necessário versar, mesmo que sumariamente, sobre o processo sociopolítico que precedeu as eleições presidenciais de 2018, uma vez que os mecanismos processuais discursivos que as antecedem se fazem refletidos no resultado final das urnas eleitorais, bem como concentrados axiologicamente no fio discursivo do enunciado a ser averiguado.

Realizada em dois turnos, a eleição presidencial de 2018 teve 14 candidatos, sendo o segundo turno disputado pelo candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), totalizando em 44, 87% dos votos computados pela Justiça Eleitoral, e pelo candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Socialista Liberal (PLS), vencedor da disputa com 55,13% dos votos, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esse resultado pode ser atribuído, em parte, à atmosfera que o circundou. Conforme o sociólogo Ivo Leusbaupin (*apud* FACHIN; MACHADO, 2018), houve duas condições no espectro social brasileiro que marcaram as eleições de 2018, conduzindo-as à insígnia da anormalidade: o *impeachment* de Dilma Rousseff sem que houvesse “crime de responsabilidade”, como prescreve a Constituição; e a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, impedido de concorrer, em virtude de sua condenação, que, conforme o professor universitário Leusbaupin (*apud* FACHIN; MACHADO, 2018, [s/p]), foi “injusta – segundo a avaliação de muitos juristas, tanto no Brasil como em outros países. Não há provas concretas que justifiquem sua condenação e prisão”.

Sendo assim, as eleições de 2018 têm seus contornos gerais sendo lapidados desde o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, momento em que se começa a desenhar, como mencionado nas palavras preambulares deste artigo, um antipetismo radical, orquestrado por membros da política conservadora tradicional. Em conformidade com os preceitos políticos direitistas postos, discursivamente, em movimento, assistiu-se à

campanha judiciário-midiática de quatro anos e meio contra Lula e o PT [...]. Durante este período, não saiu uma notícia positiva sobre os governos Lula ou Dilma: a ascensão de 30 milhões de brasileiros que deixaram a miséria, o aumento real do salário mínimo, o Bolsa Família, o papel proativo do Brasil no cenário internacional etc. [...] Durante quatro anos e meio, a Operação Lava Jato construiu a narrativa da “maior história de corrupção do país”. Passado este tempo, a operação não acabou com a corrupção e deixou intocados os maiores partidos de direita assim como suas lideranças – desde Temer a Aécio Neves, Romero Jucá, Eliseu Padilha, Moreira Franco. Mas conseguiu a derrubada de Dilma e a condenação e prisão de Lula. A campanha “A lei é pra todos” se revelou “A lei é para o PT”, numa atualização do dito “para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei”. (LESBAUPIN, *apud* FACHIN; MACHADO, 2018, [s/p]).

Foi em um contexto de combustão social semelhante, de crise capitalista que resultou

em uma crise política, que figuras como Benito Mussolini e Adolf Hitler, com anseio ao poder, dizendo-se “salvadores da pátria”, surgiram. No âmbito brasileiro, dos 14 candidatos à presidência, o candidato que apresentou em suas enunciações indícios fascistas, com propositivas que se coadunam com os líderes supracitados, foi, ao nosso olhar hipotético, Jair Messias Bolsonaro.

Aproveitando uma sociedade civil alimentada por discursos jurídico-midiáticos com intentos condenadores apenas em relação ao PT e uma grande mídia que assistia ao fracasso dos candidatos que representavam a elite brasileira (Geraldo Alckmin, por exemplo) que se destaca a campanha eleitoral projetada pelo representante da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro. No entanto, para que se possa resgatar os principais efeitos de sentidos que emergem do enunciado a ser analisado, faz-se necessária, além da apreensão de sua ambientação atmosférica social reconstituída anteriormente, a consideração de sua instância enunciativa interna. Primeiramente, para averiguarmos o processo de sua construção linguístico-discursiva, deve-se considerar o gênero do discurso ao qual o projeto enunciativo do locutor se vincula. A partir disso, desmembram-se dois aspectos nodais que constituem, semanticamente, o processo e o produto enunciativo produzidos pelo ator sociopolítico: as características relativamente estáveis do gênero mobilizado e a relação estabelecida entre locutor e interlocutor - elementos que, como desenvolvido na seção precedente, arquitetam a sua forma composicional. Ademais, sublinha-se que, pelo fato de a parte verbal ser extensa, dividiremos sua análise em duas partes, expostas em dois quadros: um verde e um amarelo¹⁰. Com esse movimento, acreditamos facilitar para o nosso leitor presumido um acompanhamento analítico.

No que diz respeito ao gênero do discurso que engendra o enunciado por nós selecionado, pode-se afirmar que se trata de uma propaganda eleitoral. Vinculada à esfera midiática publicitária, a propaganda política tem como objetivo central convencer os eleitores a votarem em algum candidato a cargo eletivo (PINHO, 1990), integrando a esse intento mecanismos discursivos com a finalidade de esboçar as projeções futuras do candidato em prol do país, estado e/ou município ao qual sua disputa se vincula. Pelo fato de o enunciado em voga estar atrelado à transmissão televisiva, diversos recursos midiáticos foram operacionalizados, trazendo, em busca de seu intento principal, elementos de diferentes semioses, de forma que o universo imagético acompanha os mecanismos verbais. No entanto, há, em relação à propaganda eleitoral de Bolsonaro, um fato, ao nosso olhar, consideravelmente inusitado. Durante uma entrevista dada à Rede Globo de Televisão, o candidato, no programa *Jornal Nacional*, acusa o seu opositor mais forte em termos de massa eleitoral (Fernando Haddad - PT) de, à época em que havia sido ministro da educação do governo petista, ter produzido um “*Kit Gay*” para ser distribuído nas escolas do território nacional. Segundo Bolsonaro, o documento tinha como finalidade nodal a disseminação da ideologia de gênero: “estão ensinando em algumas escolas que homem com mulher está errado” (ERNESTO, 2018, [s/p]). Na ocasião, os âncoras do telejornal, William Bonner e Renata Vasconcellos, não questionaram a veracidade documental proferida pelo candidato, que impunha um pequeno livreto à mão. Como se sabe, documentos oficiais que envolvem temáticas culturais de grande complexidade exigem, legalmente, a validação de uma portaria. A ausência de um questionamento por parte dos âncoras televisivos reitera o concatenar midiático com o movimento discursivo que, há tempos, já estava sendo conduzido no horizonte social brasileiro: a desconstrução da imagem do Partido dos Trabalhadores (PT). Embora o candidato Jair Messias Bolsonaro não tenha sido, inicialmente, a opção política da grande mídia nacional, os

¹⁰ As cores verde e amarelo não foram escolhidas aleatoriamente. Trata-se de uma alusão ao processo de cooptação da simbologia nacional orquestrada pelo espectro político observado neste artigo.

sopros socialistas representados pela voz social de Haddad impuseram a ela a adequação às muitas faltas de decoro conduzidas por Jair Messias Bolsonaro. Sendo assim, a *fake new* do Kit Gay, de certa forma, apresenta-se como sendo “verdadeira”, dada a ausência especulativa e o silêncio amuado da esfera midiática.

Atrelada a esses elementos factuais que compõem e circundam o projeto enunciativo de Jair Messias Bolsonaro, há uma particularidade estilístico-performática que envolve o seu processo de interação discursiva no que tange à dialética entre locutor e interlocutor. Por se tratar do seu último projeto enunciativo de campanha eleitoral e por ter sido televisionado em horário destinado a esses fins, a campanha, transmitida no dia 26 de outubro de 2018 (dois dias antes da votação do segundo turno), traz uma locução, do ponto de vista fonético-vocálico, bipartida: em um primeiro momento, sem a aparição imagética da figura do candidato político, há uma voz narrativa descrevendo a primeira parte de seu projeto de dizer. Evidentemente, o tom fonológico representa a voz social de Jair Messias Bolsonaro. No entanto, por se tratar de uma voz masculina aveludada, de tom consideravelmente grave, esse mecanismo discursivo pode ser lido como uma estratégia entonacional que visa à sedução do interlocutor. Por se tratar de uma transmissão televisiva, não há como mensurar, pontualmente, o tipo de interlocutor envolvido, ou seja, trata-se de um processo de interação verbal (no caso, oralizada) cuja interlocução é presumida. Entretanto, pela extrema relevância social que um processo eleitoral apresenta, presume-se que, por ter sido transmitida em horário nobre televisivo, o seu alcance social foi vasto. Além disso, o mecanismo estilístico de mobilizar uma voz de tom sedutor para o início da propaganda eleitoral pode estar associado à *performance* do candidato Jair Messias Bolsonaro durante o processo eleitoral, cujo desempenho retórico, inúmeras vezes, deu margens a ironias e questionamentos midiáticos marcados por tons sarcásticos.

Dessa forma, trazer outra tonicidade vocálica para cumprir o tom acusatório em relação ao PT, como será visto na sequência, blinda o *ethos* de Jair Bolsonaro, que, durante a campanha, foi bastante questionado por seu caráter infantilizado e, ao mesmo tempo, agressivo, com acusações ilegítimas aos seus opositores. Nesse jogo de proteção-sedução, “não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala” (MAINGUENEAU, 2013, p. 109), ou seja, é o todo enunciativo do projeto de Jair Bolsonaro que acusa e denigre o Partido dos Trabalhadores. A ausência de seu próprio tom fonológico, bem como a de sua imagem, em certa medida, protegeu-lhe de posteriores especulações acerca do tom acusatório mobilizado, na parte oral inicial, apresentada a seguir:

Quadro 2 – Parte verbal I

O PT ficou 13 anos no poder e quebrou o país. Deixaram milhões de desempregados, o maior índice de criminalidade da história [...] fizeram um estrago sem precedentes. Agora, o PT quer voltar para fazer uma nova Constituição igual à da Venezuela de Maduro e Chávez, censurar a imprensa, soltar presos e enterrar a Lava Jato. O PT desafia o Judiciário. Eles querem soltar o presidiário e não mais sair do poder [...] O Brasil não pode ser comandado de um presídio. Chegou a hora. Agora é o Brasil contra o PT [...].

Fonte: 11º Programa (2018, [s/p]).

A voz aveludada que inicia a parte oral do enunciado eleitoral de Jair Messias Bolsonaro, desde o início, incumbe-se de proliferar ataques ao partido de Fernando Haddad. Primeiramente, o locutor acusa o partido antagonístico de, em seus anos de governança, ter danificado a dimensão econômica do país (“13 anos no poder e quebrou o país”), conjurando, na sequência, o numeral cardinal **milhões**, sem defini-lo quanto ao número de desempregados, assim como a construção adjetival “maior índice de criminalidade da história”, sem também mensurar, em números, o índice de criminalidade durante os governos petistas. Essa tática de mobilizar os recursos lexicais **milhões** e **maior** sem definir a noção quantitativa que expressam leva o interlocutor, em certa medida, à apreensão e ao medo em relação aos níveis de violência nacional, uma vez que ambos os elementos linguísticos indicam uma carga semântica que sugere algo muito elevado, de proporção “incalculável”. Na sequência do projeto enunciativo, o locutor reitera essa tática discursiva, eximindo sua falta de exatidão quantitativa pelo fato de os governos petistas terem feito “um estrago sem precedentes”.

Após macular a governabilidade dos anos precedentes, encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores, o locutor que representa a voz social de Jair Bolsonaro tece inúmeras acusações ao partido oponente, envolvendo diversas questões atreladas à esfera judiciária (“*o PT quer fazer uma nova Constituição igual à da Venezuela de Maduro e Chávez*”). Embora nossa análise tente abarcar o todo enunciativo (não o tudo), é importante salientar que, nesse primeiro momento do arquitetar composicional da propaganda eleitoral em voga, diversas imagens foram projetadas, concomitantemente às discursivizações verbais, de modo a imbricarem verbal e não verbal. Apesar de não trazermos para a reflexão parte dessas imagens, por limites espaciais do gênero discursivo *artigo*, consideramos salutar exemplificar uma das imagens, que, ao nosso olhar, teve profunda relevância nos resultados eleitorais de 2018:

Figura 1 – Montagem Maduro e Haddad



Fonte: 11º Programa (2018, [s/p]).

Nessa montagem, o projeto enunciativo bolsonarista, demonstrando (talvez intencionalmente) pouco conhecimento de princípios histórico-políticos, associa o PT - especialmente a imagem do seu candidato oponente - à governabilidade de Nicolás Maduro, pelo simples fato de este estar alinhado a uma sigla socialista. Ao projetar Fernando Haddad e Maduro, frente a frente, com um fundo escuro, o projeto de dizer bolsonarista almeja provocar

em seus interlocutores uma imagem obscura das relações entre o petismo e o governo venezuelano. Pelo fato de, à época, a Venezuela estar passando por uma das crises socioeconômicas mais profundas de sua história, conjurar tais aproximações acabaria por trazer à luz do eleitor um quê de dúvida e insegurança quanto às obscuridades possíveis que há na relação PT-Nicolás Maduro. Na continuidade enunciativa, o locutor acusa o Partido dos Trabalhadores por descumprimento constitucional (“desafia o Judiciário”), atribuindo-lhe a injúria de cerceamento midiático (“censurar a imprensa”) e a ações inconstitucionais (“soltar presos e enterrar a Lava Jato”). Imbricado a isso, o locutor faz referência direta a uma das figuras de maior representatividade do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, cuja imagem, à época, havia sido maculada por um complexo orgânico de elementos que envolvem as esferas jurídica e midiática. Nesse entremeadado, que já foi, sumariamente, descrito no início desta análise, ocorreu um “endeusamento” à figura pública de Sérgio Moro, juiz responsável pela operação Lava Jato, que ensejou várias prisões de políticos com carreira expressiva. Dessa forma, ao lapidar a construção “*enterrar a Lava Jato*”, o locutor atinge mais um ponto nevrálgico da psicologia social brasileira - o medo -, uma vez que, em termos gerais, a cultura de massa nacional, desinformada e influenciada no período pela esfera midiática, não se fazia conhecedora do estratagema que envolvia a Lava Jato. Pelo contrário, a sociedade brasileira via nela uma solução para os casos estratosféricos de corrupção e lavagem de dinheiro que implicavam a esfera política.

Desconhecedor do invólucro irregular e ilegítimo que envolveu esta operação, o telespectador/interlocutor do projeto enunciativo bolsonarista permanece apreensivo em relação à manutenção da operação e, na sequência, a voz narrativa que representa Jair Bolsonaro lança ao imagético petista um arquétipo oligárquico marcado pela perpetuação no poder (“*não mais sair do poder*”). Por conseguinte, em uma espécie de conselheiro discursivo, a voz narrativa avisa ao interlocutor que, caso o oponente vença, o Brasil será “*comandado de um presidio*”, tendo o item lexical **presídio** um tom valorativo negativo no espectro social, pois, geralmente, encontra-se atrelado à marginalidade que, nessa conjuntura, atrai para a órbita axiológica do enunciado a ideia de o país correr o risco de continuar a ser governado pelo “*chefe da quadrilha*”, Luiz Inácio Lula da Silva. Acompanhando essa sequência de marginalização da candidatura oponente, a voz aveludada e grave incita o telespectador/interlocutor a dar um basta nos desmandos petistas apresentados na campanha midiática (“*Chegou a hora*”) e, concomitantemente a isso, convoca a população a lutar junto ao “herói” Jair Bolsonaro: “*é o Brasil contra o PT*”.

Numa espécie de jogo cinematográfico, surge, à tela, a imagem de Jair Messias Bolsonaro, vestindo um blazer de tom escuro e uma camiseta branca, tendo, ao fundo, um jardim para dar ao processo enunciativo “ares de serenidade”. Diferentemente dos outros candidatos, Jair Bolsonaro, durante seu processo eleitoral, apresentou-se sempre sem gravata, numa espécie de “próximo ao povo ou popular como nós”, atitude típica dos líderes fascistas, que, em um primeiro momento, buscam populismo nas massas e, ao atingirem o poder, esquecem-nas, acoplando-se aos interesses do grande capital e do elitismo (KONDER, 1977). Além disso, é importante sublinhar que, dentre os candidatos, o ator sociopolítico fora o único que não comparecera aos debates políticos televisionados.

Diferentemente de suas atuações em palanques de campanha eleitoral, em sua desenvoltura no programa televisivo, percebe-se que a *performance* do ator político foi bastante ensaiada, uma vez que Jair Bolsonaro, ao enunciar, não tartamudeou como de costume. Sentado em uma cadeira de vime, estilo praiana, o candidato enuncia:

Quadro 3 – Parte Verbal II

Como cristão, eu adotei uma passagem bíblica, João 8:32: “E conhecerei a verdade, e a verdade vos libertará”. E mantive essa bandeira em pé. Comecei a andar por todo Brasil. Começamos a detectar problemas [...]. Sabemos das dificuldades depois da passagem desses últimos governos que mergulharam o Brasil na mais profunda crise ética, moral e econômica. Mas a fé, a vontade, a persistência se faz [sic] presente. Eu digo que o milagre é eu estar vivo, depois daquele episódio em Juiz de Fora. Que eu considero Juiz de Fora a minha segunda cidade natal [...]. Logicamente, a mão de Deus se fez presente [...]. Nós temos como fazer um Brasil melhor para todos [...]. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos [...]. Azul, branco, amarelo e verde é a nossa bandeira. Com fé na força do povo, ela jamais será vermelha.

Fonte: 11º Programa (2018, [s/p]).

Após operar com elementos linguístico-discursivos que buscam denegrir a imagem do candidato oponente, Jair Messias Bolsonaro, ao surgir à tela, inicia seu processo de interlocução dizendo-se cristão (“*Como cristão, eu adotei uma passagem bíblica*”), algo bastante próximo ao fascismo, que opera com aspectos da religiosidade para possuir contingente eleitoral e, à palavra cristã, associa os conceitos de “verdade” e “liberdade” (“*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”). Nesse sentido, o que se pode perceber é que o ator sociopolítico sugere ao seu interlocutor que ajudará a lhe mostrar a “verdade real” sobre a situação atual brasileira. Trata-se, pois, de um mecanismo discursivo estratégico de deslocar o conceito de verdade, uma vez que “os políticos fascistas costumam apresentar a história real de um país em termos conspiratórios, como uma narrativa forjada por elites liberais e cosmopolitas para vitimizar o povo da verdadeira nação” (STANLEY, 2018, p. 30). Na continuidade enunciativa, o locutor vai desvestindo a sua “verdade” e encaminha o interlocutor, em uma espécie de “vou abrir seus olhos”, para o real culpado das mazelas assistidas no território nacional: “*sabemos das dificuldades depois da passagem desses últimos governos que mergulharam o Brasil na mais profunda crise ética, moral e econômica*”. Como já havia sido apresentado no início de seu projeto enunciativo, o PT foi o partido responsável pelos problemas nacionais, e, ao reiterar essa ideia, o locutor Jair Bolsonaro, para além da crise econômica, responsabiliza seu oponente por uma crise ética e moral.

Trata-se uma estilística sociológica fascista, na qual o enunciado se forma por contornos de um nacionalismo extremo, firmado em uma ideia de:

passado glorioso [...] perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito por valores universais, como a igualdade. Esses valores, supostamente, enfraqueceram a nação diante de desafios reais e ameaçadores para sua existência. [...] A função do passado mítico, na política fascista, é aproveitar a emoção da nostalgia para princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo, hierarquia, pureza e luta. (STANLEY, 2018, pp. 20-21).

Após aclarar ao interlocutor a “triste verdade” na qual o Brasil se encontrava por culpa do inimigo nacional (o PT), o locutor, por meio de uma construção opositiva, operacionalizada pela conjunção **mas**, evoca uma sequência de qualificações que orbitam em torno da semântica de um líder fascista (“*Sabemos das dificuldades depois da passagem desses últimos governos que mergulharam o Brasil na mais profunda crise ética, moral e econômica. Mas a fé, a vontade, a persistência se faz [sic] presente*”). Trata-se da liderança que “provê a nação, assim como na família tradicional o pai é o provedor. A autoridade do pai patriarcal deriva de sua força, e a força é o principal valor autoritário” (STANLEY, 2018, p. 22), na qual se circunscreve a fé religiosa e a vontade ferrenha enfatizada por Jair Bolsonaro.

Acoplado às qualidades de heroísmo, o locutor relembra outro elemento factual que indicia ter caráter de contribuinte ao resultado do processo eleitoral. Em um dos seus pronunciamentos eleitorais, na cidade de Juiz de Fora (MG), Jair Messias Bolsonaro foi vítima de uma suposta facada. No entanto, conforme perscruta Paschoal (2020, p. 210, grifos do autor),

há várias especulações e teorias conspiratórias não esclarecidas à sociedade civil brasileira quanto aos acontecimentos devidos do caso. Consequentemente, o ocorrido na cidade mineira serviu de engodo para boa parte do seu eleitorado, resultando em enunciações nas mais diversas plataformas digitais sob a insígnia do “homem que sobreviveu”, sentido este bastante presente na ditadura nazifascista, semantizando *força e heroísmo*.

Reiterando essa órbita semântica assistida no espectro social que ambientou o seu processo eleitoral, o locutor Bolsonaro, no projeto enunciativo em voga, relembra o acontecimento, mesclando-o com elementos da religiosidade e convocando a sociedade civil de Juiz de Fora a prestar-lhe atenção, abraçar-lhe enquanto irmão conterrâneo (“*Que eu considero Juiz de Fora a minha segunda cidade natal. Logicamente, a mão de Deus se faz presente*”). Ao fim de sua enunciação, o ator sociopolítico evoca mais uma ideologia nazifascista: o nacionalismo. Ao dizer “*nós temos como fazer um Brasil melhor para todos*”, o locutor opera, mais uma vez, com a noção de culpabilidade aos governos petistas anteriores, pois, em sua construção léxico-sintática, há a pressuposição de que, anteriormente, o país foi governado apenas para alguns brasileiros.

Seguindo esse pretenso nacionalismo com vestes religiosas - “*Brasil acima de tudo. Deus acima de todos*” -, o projeto enunciativo de campanha de Jair Messias Bolsonaro finda com uma música que acompanhou todo o seu percurso eleitoral de cooptação dos símbolos nacionais, transformando-os, ao nosso olhar, em signos ideológicos de seu projeto político partidário: “*Azul, branco, amarelo e verde é a nossa bandeira*”. E, para assinalar o epicentro semântico de seu projeto eleitoral, que não se propôs, em nenhum momento, a apresentar as projeções nacionais do candidato, mas, sim, em construir o inimigo político nacional, finaliza-se com a desconstrução imagética ininterrupta do Partido dos Trabalhadores: “*Com fé na força do povo, ela jamais será vermelha*”, sendo o tom avermelhado associado à bandeira petista.

5 Considerações finais

Dado que, do ponto de vista bakhtiniano, os sentidos são inacabados, e os fenômenos políticos aqui perscrutados encontram-se em curso no horizonte social brasileiro, essas

considerações (não tão) finais possuem a função de, por ora, dar “ares de conclusibilidade” às reflexões empreendidas neste artigo. Para tanto, faz-se necessário retomarmos os três eixos centrais que neste estudo foram desenvolvidos.

No que se refere ao primeiro eixo, *Prolegômenos ideológicos para a ascensão do fascismo europeu: um passado mítico, um herói e um inimigo*, convocamos vozes intelectuais sociológicas que, em um primeiro momento, concebem o fascismo como sendo um fenômeno histórico não estático, cuja natureza é capaz de ressurgir em Estados que se encontram sob a égide capitalista. Em um segundo momento, concentrando-nos no período de fascistização (antes de o fascismo chegar ao poder), observamos como que, no fascismo europeu, tanto Mussolini quanto Hitler, construíram a ideia de inimigo da pátria (socialistas e comunistas), a partir de uma autoconstrução imagética de figura heroica e de pátria gloriosa com um passado mítico.

No que diz respeito ao segundo eixo, *O enunciado concreto e seu magnetismo axiológico: o passado e o presente em diálogo ininterrupto*, desenvolvemos, pela perspectiva bakhtiniana, reflexões acerca da natureza dialógico-ideológica do enunciado, bem como os aspectos envolvidos em sua materialização. Nesse momento, o enunciado concreto, por ser dialógico e ideológico, foi apresentado como um projeto discursivo capaz de conjurar sentidos múltiplos, com contornos valorativos diversos (e, inclusive, distintos), postos em funcionamento em temporalidades históricas tanto próximas, quanto distantes. Ademais, considerando a tridimensionalidade enunciativa que envolve a arquetônica semântica de um enunciado (as dimensões verbal, extraverbal e não verbal), materializadas verbal e verbo-visualmente, tecemos alguns questionamentos que norteiam uma análise dialógico-discursiva.

Quanto ao terceiro eixo, imbricado aos dois primeiros, *Os lampejos fascistas nas eleições de 2018: o Mito, a Pátria amada e o Inimigo nacional*, lançamo-nos ao movimento analítico, tendo como objeto de escrutínio o 11º programa eleitoral projetado pelo candidato da extrema direita brasileira atual, Jair Messias Bolsonaro. Considerando os aspectos sociais que precederam o enunciado em voga, bem como as facetas socioideológicas circunstanciais que o orbitaram de modo a compô-lo por dentro, analisamos, brevemente, o gênero *propaganda* e, na subsequência, a forma pela qual sua composição fora orquestrada. Ainda que os matizes composicionais de um enunciado sejam imensuráveis em termos de apreensão de sua totalidade, convocamos questionamentos como quem disse, para quem disse, como fez para dizer, em que situação cronotópica (espaço-tempo), dando, muitas vezes, destaque ao estilo do locutor - elementos que ganhou proeminência na seção de desenvolvimento teórico. Desse modo, em relação ao estilo, pelo fato de ele ser “uma atitude substancial e criadora do discurso com seu objeto, com o próprio falante e com a palavra do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 182), concentramos nossa análise na entonação expressiva que o locutor projetou ao mobilizar os recursos linguísticos. Contudo, dentro dos limites espaciais de um artigo, em alguns momentos, buscamos salientar a entonação gestual, acompanhada da linguagem imagética que compunha a propaganda eleitoral bolsonarista.

Nessa dinâmica indissociável entre aspectos verbais, não verbais e extraverbais, percebemos que, no enunciado analisado, a voz social do locutor Jair Messias Bolsonaro centralizou a semântica de seu dizer em uma visão axiológica marcada por ecos fascistas que insistem em estratificar a sociedade em “nós” versus “eles”, concebendo o “eles” como inimigo nacional de ordem política (o PT). O epicentro semântico-axiológico da propaganda projetou, em tempo integral, investidas discursivas para macular a reputação de seu oponente político do segundo turno, demonstrando concebê-lo não como um adversário, mas sim como um inimigo a ser combatido, valor central para a mirada fascista. Acoplada a essa ideia, Jair Bolsonaro, por diversos momentos enunciativos, coloca-se na categoria de salvador da Pátria amada, Brasil - o

Mito heroico capaz de reedificar a nação gloriosa, encontrada em ruínas por culpa do Partido dos Trabalhadores. Eis o Mito, a Pátria amada e o Inimigo nacional do fascismo à brasileira.

A partir das reflexões desenvolvidas, podemos apreender que, sob o enfoque dialógico, o horizonte sociopolítico brasileiro, que outrora apresentara uma polarização no espectro sob o invólucro de civilidade que uma democracia requer, apresenta, atualmente, uma visão socioideológica que prevê a construção de um inimigo. Nesse orquestrar discursivo, “mitos de um passado patriarcal, ameaçados pela invasão de ideias liberais e tudo que eles significam, atuam para criar uma sensação de pânico frente à perda do *status* hierárquico” (STANLEY, 2018, p. 27). Por conseguinte, no Brasil, a partir das eleições de 2018, a noção do inimigo, para além da dimensão política, alastrou-se para flancos socioculturais, de modo a levar parte de nossa psicologia social à desumanização. Contudo, como a epígrafe bakhtiniana que enseja este artigo anuncia, nossos dias atuais ficarão marcados “pelo peso esmagador da história”, cuja configuração dá-se, como vimos, no e pelo discurso.

Referências

- ARENDETT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Ed. 34, 2017a.
- BAKHTIN, M. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2017b.
- BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: Apontamentos dos anos 1940*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Ed. 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- BURITY, J. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2018.
- DI FANTI, M. G. C. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, pp. 309-329, jan./jun. 2012.
- ECO, U. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ERNESTO, M. Bolsonaro condena ‘kit gay’, tenta expor material na TV e é repreendido por William Bonner. *Estado de Minas*, Política, ago. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/28/interna_politica,984245/bolsonaro-condena-kit-gay-tenta-expor-material-na-tv-e-e-repreendid.shtml. Acesso em: 25 set. 2020.
- FACHIN, P.; MACHADO, R. *Eleições 2018: A radicalização da polarização política no Brasil; Algumas análises; Entrevistas especiais*. Instituto Humanitas UNISINOS; Adital, out. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/159-noticias/entrevistas/583456-eleicoes-2018-a-radicalizacao-da-polarizacao-politica-no-brasil-algumas-analises-entrevistas-especiais>. Acesso em: 5 jul. 2021.
- FALCÃO, J. Referência a Brillhante Ustra abre debate sobre apologia à tortura. *A união*, abr.

2016. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_politicas/referencia-brilhante-ustra-abre-debate-sobre-apologia-a-tortura . Acesso em: 5 jul. 2021.

KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MUSSOLINI, B. *Discursi Politici*: Exercido pelo tipografo do “Popolo d’Italia”. Milão, 1921.

PASCHOAL, C. O nazifascismo corporificado: dialogicidades entre Brasil e Alemanha. In: PASCHOAL, C. et al. (org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, 2020.

PINHO, J. B. *Propaganda institucional: usos e funções em relações públicas*. 4 ed. São Paulo: Summus, 1990.

POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. Paulo: Martins Fontes, 1978.

11º PROGRAMA eleitoral do 2º turno de Bolsonaro faz críticas ao PT e faz aceno ao Nordeste. *Poder 360*. Youtube, 26 out. 2018. 1 vídeo [5m07s]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zbrGspWMtJY&feature=youtu.be> Acesso em: 5 jul. 2021.

SCHILLING, V. *Ascensão e queda de Adolf Hitler*. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2019.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Ed. 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Ed. 34, 2017.

Recebido em: 30/07/2021

Aceito em: 03/10/2021